

A ANGÚSTIA DIANTE DO SUCESSO

*Maurício Eugênio Maliska**

RESUMO: Este artigo aborda a estranha reação de angústia frente ao sucesso, contrariamente ao que se poderia esperar, em que a angústia poderia ser uma reação frente ao fracasso. A angústia, para a psicanálise, advém da tentativa de cumprir com um ideal em que nada pode faltar, um mandamento superegóico em que o sujeito se sente angustiado por ter que dar conta de um impossível. Dessa forma, a possibilidade de obter um sucesso vem na forma de angústia, pois é a possibilidade de nada faltar; e o fracasso surge como um alívio dessa angústia. A saída da angústia aponta para a emergência da castração, que quebra o gozo de dar conta de algo e instaura o desejo como possibilidade de saída da angústia. Para isso, o sujeito precisa aceitar a falta, a inconsistência do Outro e o desejo; precisa ainda abdicar de uma ideia de completude em busca de um fazer possível, não pleno, mas com castração, em que o objeto *a* opere como causa de desejo.

PALAVRAS-CHAVE: angústia. Sucesso. Fracasso. Desejo. gozo.

*Maurício Eugênio Maliska**. Membro de Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica. Professor de Psicanálise no Curso de graduação em Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

À primeira vista este título parece surpreender, pois como poderia alguém se angustiar diante do sucesso? Comumente, o sucesso é entendido como algo que encontra êxito, o que seria uma situação, ao menos a princípio, oposta a angústia, em que não haveria êxito. Diferentemente disso, a experiência clínica nos traz alguns casos em que o sujeito porta uma queixa não sobre um sintoma específico, mas sobre uma sensação de fracasso. Há, nesses casos, uma reclamação de um fracasso reiterativo quer no trabalho, nos estudos, no sexo, na vida. Dessa forma, o sujeito chega à análise falando de um fracasso, que as coisas não dão certo na sua vida e diz que gostaria de obter sucesso; ter êxito no trabalho e no casamento, por exemplo. Esse discurso parece apontar para um aspecto imaginário do registro psíquico, não evidenciando a faceta simbólica e real implicada; e tão logo se instale aí uma análise irrompe uma angústia que desestrutura esse discurso das lamúrias.

De início parece que o sujeito se angustia com a possibilidade de fracassar, ele diz, por exemplo, que começa a ficar angustiado ao abordar uma garota, pois começa a sentir que ela vai lhe dar um fora e ele então fala dessa angústia como a possibilidade de novamente fracassar frente à tentativa de conquista da garota. Mas, no transcorrer da análise, esse cenário toma outra dimensão, pois a angústia não é exatamente frente à possibilidade de fracassar, mas frente à possibilidade de êxito. No exemplo, a angústia não é o fora que ele pode levar da garota, mas a possibilidade dela desejá-lo, dela tomá-lo como objeto de seu desejo. Vejamos melhor isso.

A questão pode ser abordada de diferentes formas, pois inevitavelmente tem aí a questão da repetição do fracasso, o quanto esse traço se repete e pode permear e determinar a vida do sujeito. Evidentemente que isso aponta para a lógica do fantasma, essa lógica de se fazer fracassar, de buscar nas diversas coisas da vida a repetição do fantasma. Freud (1920) irá marcar em *Além do princípio do prazer* o quanto há de uma compulsão a repetição, o quanto esse fracasso marca um gozo fantasmático que se repete incessantemente e com diferenças. Esse fracasso também pode ser um traço de caráter, isso que não é um sintoma e que não gera um conflito como um derivado inconsciente. Esse traço de caráter pode seguir na vida do sujeito sem que ele busque uma análise e sem que ele possa ser analisado. Mas, o ponto que pretendemos trabalhar é um recorte que aponta tão somente para a relação desse “binômio” fracasso/sucesso com a angústia.

Freud (1926[1925]), em *Inibição, sintoma e angústia*, apresenta a angústia como uma reação sinal ante a perda de um objeto, em que o sujeito ficaria angustiado frente à possibilidade da perda desse objeto. Já para Lacan (2005), a angústia não é sinal de uma falta,

mas “[...] a falta de apoio dada pela falta” (p.64). Neste sentido, para Lacan, a falta ou até mesmo o par presença e ausência não é angustiante uma vez que essa falta instaura algo do desejo e isso faz com que esse algo mova o sujeito, que ele não fique paralisado frente à angústia. A alternância presença-ausência marca a relação com o significante, no fato dele ser esse representante da falta, a significação fálica que joga com essa possibilidade de falta e desejo. O que é angustiante então, para Lacan (2005), é quando “não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas [da criança, cumprindo com] uma demanda que não pode falhar” (p. 64). É nesse momento que surge a angústia, essa iminência da mãe como pura presença, não articulada com a ausência, não desdobrada com a falta, tentando suprir tudo ao bebê, para que nada possa lhe faltar, como se essa falta fosse causar-lhe um grande prejuízo, quando é justamente o contrário. Inclusive é interessante perceber como é forte, num certo discurso do cotidiano, essa noção de suprir tudo ao bebê, como se isso fosse possível e como se nada pudesse lhe faltar, quando; na verdade, essa falta lhe é fundamental.

Nesse sentido, o que se inscreve é de que nada pode faltar, ora se nada pode faltar isso já é a angústia, porque o sujeito é constituído na e pela falta, conceber algo no campo da linguagem que não pode faltar é a iminência da angústia senão ela própria. Suportar essa falta é a possibilidade de desejo, pois não há desejo que não seja atravessado pela falta.

O objeto *a* lacaniano tem uma função ímpar na angústia, pois o objeto *a* é desde sempre um objeto perdido, ou seja, não se trata de um objeto que se obteve e depois de um tempo se perdeu, mas de um objeto que se constitui enquanto perdido. O sujeito acredita possuir esse objeto, ou se não o possui, acredita na possibilidade de possuí-lo. Neste sentido, o sujeito vai a busca desse objeto, talvez atravesse toda sua vida em busca do objeto *a*. Em pequenas coisas, em outros objetos tangíveis acredita tê-lo encontrado e diante disso não quer abrir mão desse objeto, não quer perdê-lo.

O objeto *a* é o resto da divisão do sujeito, ou seja, da divisão do sujeito fica uma sobra que é o objeto *a*. Tal como na operação matemática de divisão, a divisão do sujeito também envolve um divisor (aquele que faz a divisão: a castração) o dividendo (aquele que sofre a divisão: o próprio sujeito) o resultado (resultado da operação: um sujeito castrado) e o resto (aquilo que sobra da operação: o objeto *a*). O objeto *a* é um resto perdido, aquilo que desde sempre faz falta, tal como na matemática um resto inexorável, a ser descartado. No processo de divisão, na constituição do sujeito, o grande Outro, tesouro dos significantes, representante da linguagem, processa a divisão do sujeito. Essa divisão é a castração simbólica, e nesse processo o que se produz é um sujeito dividido, não inteiro; e o objeto *a* é esse resto. Esse

objeto é causa de desejo, é um objeto que se constitui, desde sempre, em falta, um objeto que por estar em falta causa desejo, uma vez que se deseja aquilo que falta. O objeto *a* é também o que pode ser dejetado, a libra de carne que o sujeito perde em sua constituição, entendida aqui como castração (divisão). No processo de constituição subjetiva o Outro lhe imputa a castração (divisão), todavia simbólica, que produz um sujeito a partir de uma perda, de um pedaço que se perde; esse pedaço é o objeto *a* que cai se desprendendo do sujeito.

Eis que o sujeito não quer perder esse objeto com o qual ele se encontra extremamente ligado, por vezes até identificado ao próprio objeto. Estar ligado ao objeto ou tentar possuí-lo denota um apagamento da posição de sujeito, ao menos de um sujeito em falta, assujeitado às insígnias do inconsciente que procede a sua divisão, como não inteiro, em que nessa divisão, algo se perde; não é possível reter o objeto. O sujeito teme a perda do objeto, com isso, fica fixado a ele, obscurecido em sua sombra como que eclipsado ao objeto para não se defrontar com a suposta angústia da perda. O que aparece, nesse momento, não é o sujeito castrado, dividido, que de algum modo se depara com sua falta, mas a tentativa de nada faltar, a tentativa de estar tão próximo a este objeto ao ponto de incorporá-lo como se ele fizesse parte do sujeito. Com isso, o sujeito passa a se identificar fortemente ao objeto de modo a tentar ser o objeto que irá completar a falta do Outro. Colocar-se no lugar de objeto é a tentativa, todavia mal sucedida, de não se deparar com a falta que a castração lhe imputa na posição de sujeito. O objeto, nesse caso, não opera como um objeto *a*, ou seja, ele não funciona como um objeto causa de desejo, que é o objeto em falta. Disso, denota-se que se o objeto não está perdido, não há um sujeito em falta, logo não há uma castração propriamente dita, mas a tentativa angustiante de completude. A falta (castração), de algum modo, opera, mas na angústia, é como se o sujeito mobilizasse forças para evitar se defrontar com a castração, e esse movimento provoca angústia.

Neste sentido, Lacan (2005) argumenta, diferentemente de Freud (1926[1925]), que a angústia não é o sinal frente à ameaça de castração, a possibilidade de uma perda, como já foi dito, mas “[...] o desaparecimento dessa falta” (SAFOUAN, 2006, p. 179). Esse é um ponto central, pois do momento em que a falta fica ausente algo aparece no lugar dessa falta, causando angústia. A tentativa de identificação com o objeto é porque o lugar de sujeito do desejo é falho, faltante; já o lugar de objeto provoca no ser um posicionamento de que ele não pode faltar frente ao desejo do Outro, numa posição de completude. O sujeito se coloca como um objeto para o Outro, um objeto que irá completar a demanda do Outro, e se irá completar, não haverá falta alguma. Essa é justamente a angústia, pois é a busca por uma completude

inalcançável — se colocar na posição de objeto para completar a falta do Outro — saindo da posição de sujeito.

A tentativa dessa pretensa completude é a morte, por isso a angústia está presente em casos extremos, de suicídio, por exemplo, em que o ato suicida é certo, completo na sua execução, não deixa falhas nem vacilações; neste sentido, é um ato bem sucedido, o único que não é falho. A angústia presente na passagem ao ato e mais exatamente no suicídio advém de uma pressuposição fantasmática do sujeito em que o Outro quer algo dele. Lacan (2005) denota através da expressão italiana *Che Vuoi?* Que queres? Ou mais pontualmente: o que quer o Outro de mim? Frente a essa demanda de um Outro supostamente consistente o sujeito fica aterrorizado, pois ele precisa se colocar sem falhas para esse Outro.

Nada pode faltar, e dessa forma, se coloca como um objeto para o Outro. Uma vez que o Outro descarta o objeto só resta ao sujeito cumprir esse destino, ser dejetado, ser abandonado, deixar-se cair. Isso tudo ocorre sob forte angústia, pois ela é um afeto que não se deixa enganar, ou seja, essa certeza do ato denota que há igualmente uma certeza subjacente em que o sujeito “acredita” ser efetivamente esse objeto para o Outro e se coloca dessa forma. A angústia não se deixa enganar na medida em que ela é sentida no corpo, é a força desse afeto que afeta o sujeito ao ponto dele ser certamente afetado em seu ato suicida, ou em outras passagens ao ato.

Voltando a questão do sucesso/fracasso, o sucesso que o sujeito almeja é uma tentativa de felicidade garantida, de conquista ilimitada, de ausência de castração e de um gozo infinito. Se o suicida busca essa saída totalizadora de uma forma extrema e angustiada, o sucesso também é para o neurótico uma saída totalizadora e extrema, que pode de igual forma provocar uma angústia insuportável. Para o neurótico, o sucesso seria alguma espécie de realização em que nada pode faltar. Aí se pode visualizar sua analogia com o suicida, pois este também busca uma completude, em que nada pode faltar. Por isso mesmo ele se mata, não no sentido de por fim a própria vida, o narcisismo o impede disso, mas como uma tentativa de encontrar uma saída para um conflito psíquico, uma tentativa de encontrar um paraíso ou um outro plano da vida onde não haja angústia. Pois bem, este imperativo de nada poder faltar o conduz a angústia. Uma angústia frente à possibilidade de uma ostentação de um sucesso pleno. O sucesso, para esses sujeitos, teria que ser sem falta; como isso é impossível, é melhor recuar e, de algum modo, fracassar. No fracasso o sujeito encontra alento para se regozijar de sua condição de rejeitado, de fracassado, de mal amado, de sofrido, enfim, encontra uma brecha para gozar com seu sintoma e supor que um gozo pleno e

absoluto só é possível para o Outro, não para ele. No fracasso encontra uma recompensa narcísica para ocupar um lugar de destaque, se colocando como o pior dos piores, um ser abominável e, com isso, gozar dessa condição.

O sucesso que o neurótico acredita encontrar, nestes casos, é o *rapport sexuel*, justamente esse que Lacan (1985) afirma não existir. Pois, para Lacan, não existe a relação sexual enquanto esse encaixe perfeito, essa razão ou proporção entre os sexos. Não há relação sexual, quer dizer não há esse encaixe, da mesma forma que não há o sucesso como essa proporção justa e certa. Então, o que é possível? Trata-se de relações sexuais, de relações entre os sexos, entre as diferenças, relações que são marcadas pela falta. Da mesma forma, o único “sucesso” possível é uma relação com falta, em parte, permeada pelo insucesso.

A iminência do sucesso desperta a angústia, pois ela remete a algo que não pode faltar, e o desejo fica sufocado nesse sucesso que tem que ser pleno. Ora, o sucesso pleno já é sinônimo de angústia, pois não há plenitude, há tão somente o desejo, constituído pela falta, que pode sustentar o sujeito do inconsciente. O sucesso, neste caso, pode muito bem representar a demanda satisfeita, pode ser uma demanda de amor, uma vez que o sucesso não é a colocação do desejo em ato, mas a sua asfixia. Se o sucesso pode ser demanda de amor, o fracasso, para Harari (1997), “é um instrumento da angústia” (p. 98), na medida em que necessariamente o sujeito precisa fracassar (e aí está o instrumento) para que o desejo não seja abafado.

O fracasso, de outro lado, bordejia o gozo, pois está suposto que o gozo é do Outro e que ele o faz absolutamente, ficando o sujeito quase como um objeto frente a esse gozo; aterrorizado, paralisado frente à pergunta do *Che Vuoi?* O que quer o Outro de mim? Como se para o sujeito restasse apenas esse gozo mísero, ínfimo e podre do sintoma. O desejo, nesse momento, não opera como possibilidade de saída da angústia, pois o sujeito tenta evitar a falta. Isso parece ter relação com a maneira que Lacan (2005) situa a “angústia entre o gozo e o desejo” (p. 192), na medida em que é a dobradiça entre os dois e que está no ponto mediano entre gozo e desejo; não como mediadora, mas como mediana. Esse ponto mediano da angústia também serve como um alerta para uma aproximação do desejo no gozo, pois de acordo com Harari (1997), “[...] desejo e gozo ameaçam confundir-se” (p. 43). Dessa forma, o sujeito recua frente ao desejo, ficando também paralisado frente ao gozo do Outro, estando então nessa função mediana da angústia, a meio caminho entre o gozo e o desejo.

Ser o objeto do gozo do Outro é equivalente a estar muito próximo da angústia, pois ela se situa (LACAN, 2005) “na hiância do desejo no gozo” (p. 193). O sujeito recua para

ficar numa posição de objeto do gozo do Outro, esta posição que faz o sujeito se aterrorizar com a pergunta desse grande Outro. Por não estar como sujeito, esta pergunta torna-se paralisante, pois ele é esse objeto, e isto é angustiante. “Porque o que se trata de evitar [nas palavras de Lacan (2005) é aquilo que, na angústia, assemelha-se à certeza assustadora” (p. 88).

Em relação à questão do objeto, Lacan (2005) não diz que a angústia não tem objeto, nem tão pouco diz que ela tem um objeto, mas recorre a uma maneira lógica de dizer, colocando na forma negativa, um “não” seguido de um “sem”, ou seja, a “[...] angústia não é sem objeto.” Isso não é o mesmo que dizer que ela tem um objeto, pois este objeto empírico está no campo do medo ou das fobias. Não se pode, de igual forma, dizer que ela não tem um objeto, mas que seu objeto é algo muito singular. O que diz o mestre francês é que o objeto da angústia surge como aquele que se supunha tamponar a falta. É a ausência do objeto *a*, como causa de desejo, que faz eleger a ostentação de um objeto que venha tamponar a falta. É fundamental que o objeto *a* se instaure; para Lacan (2005), “[...] é uma precessão essencial” (p. 116), pois ele está atrás do desejo, causa desejo e não é uma meta a ser atingida, já está, desde sempre, em falta.

O objeto *a* é o ponto central desta ausência, pois ele é o próprio objeto da falta, não como um objeto que se obteve e se perdeu, mas um objeto desde sempre em falta. É um resto da operação de divisão do sujeito, cuja sobra é o elemento fundamental na articulação da angústia. Para Lacan (2005), “[...] o objeto cai do sujeito em sua relação com o desejo” (p. 194). E por isso causa desejo, situando-se numa posição de originar o desejo, por trás do desejo, causando-o; o que vem a ser algo diferente de ser o objeto do desejo, enquanto um objeto que está à frente, como meta. É claro que há aí um efeito de estrutura na constituição subjetiva, pois o sujeito acredita que ao procurar o objeto do desejo encontrará algo capaz de suprir a sua falta, não sabendo que o objeto de desejo é um efeito desse outro objeto que está atrás do desejo, provocando esse efeito de estrutura. Em outras palavras, o objeto que está atrás do desejo é o que permite a existência do objeto que está à frente, como meta e objetivo.

Voltando a questão do fracasso, pode-se dizer que, com Lacan, quebra-se qualquer assunção cotidiana e ingênua de conceber que o sujeito se angustia quando fracassa. Pois é justamente o contrário, “é necessário que possa existir a dimensão do fracasso, como meio para que se possa reabrir uma situação de angústia” (HARARI, 1997, p. 96). O importante parece ser que não é o fracasso que causa angústia, mas seu êxito. Isso não é de todo novo, Freud (1916) já marcava algo dessa relação em um texto intitulado *Os arruinados pelo êxito*,

em que mostra como “[...] as pessoas ocasionalmente adoecem precisamente no momento em que um desejo profundamente enraizado e de há muito alimentado atinge a realização” (p.331). Freud aponta uma ligação causal entre o êxito e o fato de adoecerem. Nesse artigo, o que está em destaque é o sentimento de culpa, pois ele torna insuportável qualquer condição de sucesso. O sentimento de culpa agiria como um castigo, que priva a fruição, em que não lhe é devido tamanha realização. Essa necessidade de castigo que impõe o imperativo superegóico em que o sujeito deve fracassar como forma de evitar o sucesso que lhe é indevido e que sua iminência lhe causaria uma angústia terrível. De modo que deve fracassar e isso é um instrumento da angústia para cumprir um sentimento inconsciente de culpa.

Surge aí nesse imperativo categórico do supereu o objeto *a* (voz), esta voz do Outro, do pai que lhe imputa esse castigo, do qual o sujeito segue construindo as condições para tornar efetivo seu próprio fracasso. Essa forma de operar torna-se um recurso para preservar seu desejo, na medida em que não se defronta com a falta. Nas palavras de Harari (1997): “O fracasso, convocando a angústia, impedirá a perigosa aproximação ao gozo, nem por isso menos paradoxalmente procurado” (p. 100). Essa possibilidade de aproximação do desejo com o gozo é insuportável e a angústia vem como um sinal e uma defesa dessa aproximação, preservando o desejo e evitando o gozo.

Freud (1936) volta a falar do tema do êxito na *Carta aberta a Romain Rolland* ou *Um distúrbio de memória na Acrópole*, em que numa visita a Atenas surge-lhe a frase: “bom demais para ser verdade” (Freud, 1936, p. 239). Esta frase parece determinar que o “[...] lugar da frustração externa é assumido por uma frustração interna. O sofredor não se permite a felicidade: a frustração interna ordena-lhe que se afeire à frustração externa.”; como se o sujeito não merecesse tanta felicidade. Neste artigo, Freud (1936) não conseguia acreditar que estava na Acrópole — um sonho alimentado desde a adolescência — e que por vezes, ele próprio duvidou da existência real dessa parte da cidade de Atenas. O motivo de tal desrealização repousava ativamente num sentimento de culpa por ter, de algum modo, ido além do pai. Nas palavras de Freud (1936): “Parece como se a essência do êxito consistisse em ter realizado mais do que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai” (p. 245).

Dessa forma, o sujeito também se vê impelido, no êxito, a ultrapassar o pai; algo que pode gerar angústia, pois ele precisa fracassar, como se não pudesse ir além do pai. Essa postura fica sendo insuportável, seja pelo sentimento de culpa, seja pela própria angústia. O gozo em querer ser maior que o pai é angustiante, não há possibilidade de se instaurar um

desejo, uma vez que o desejo não anula o pai, mas enquanto o sujeito tenta anulá-lo, o fracasso lhe espera. Freud (1936) foi além do pai, deu esse passo até Acrópole, munido de um “respeito filial” (p. 245) que o colocava na condição de servir-se do pai, ou seja, pôde ir além do pai servindo-se dele. Para Lacan (2007), é necessário prescindir do pai com a condição de servir-se dele. É com o pai, servindo-se dele, que se pode ir além. O incomodo de Freud parecia estar no fantasma de não poder ir além do pai, mas Lacan mostra o quanto só se pode ir além do pai reconhecendo-o. A experiência de Lacan mostra isso, pois ele pôde ir além de Freud reconhecendo sua filiação e utilizando-se de Freud. O que fica claro desde os primeiros seminários com o movimento de *retorno a Freud*, até um de seus últimos pronunciamentos públicos, no Seminário 27 *Dissolução*, mais exatamente na Classe 7 (12/07/1980) *O Seminário de Caracas*, quando perguntou ao público se eles eram lacanianos e todos responderam afirmativamente e Lacan então complementa dizendo: “Eu sou freudiano”. Segundo Alain Vanier (2005), em 1966, por ocasião da publicação dos *Escritos*, Lacan declarava a Pierre Daix: “Eu sou aquele que leu Freud” (p. 14). Todo o trabalho de Lacan foi centrado do início ao fim sobre a obra de Freud. Esse desejo tão caro de ler Freud proporcionou a Lacan, através do reconhecimento que fez do mestre, ir além do pai. Foi somente por reconhecer Freud como pai “espiritual” e fundador da psicanálise que Lacan pôde ir além dele.

Dessa forma, fazer com que o sucesso não cause angústia é mobilizar um percurso de análise que aponta para uma direção da cura em que no horizonte descortina-se a relação do sujeito com o grande Outro paterno, uma relação que vai desde a queda da suposta consistência desse grande Outro até o seu reconhecimento como pai e de poder se servir dele para também poder prescindir-lho.

Referências

FREUD, S. (1920) *Além do princípio do prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926[1925]) *Inibição, sintoma e angústia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1936) *Um distúrbio de memória na Acrópole*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1916) *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARARI, R. *O seminário “A Angústia” de Lacan: uma introdução*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1997.

LACAN, J. (1962-1963) *O Seminário, Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. (1972-1973) *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1975-1976) *O Seminário, Livro 23: O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. (1980) *O Seminário 27: Disolución*. Edição eletrônica das obras completas de Jacques Lacan. Buenos Aires: RD Ediciones Electrónicas, 2000. CD-ROM.

SAFOUAN, M. *Lacanian I: os seminários de Jacques Lacan 1953-1963*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

VANIER, A. *Lacan*. São Paulo: Estação liberdade, 2005.

THE ANGUISH IN THE FACE OF SUCCESS

ABSTRACT:

This article discusses the strange reaction of anguish before the success, contrary to what one might expect that the anguish could be a reaction to the failure. The anguish, to psychoanalysis, derives from the attempt to fulfill an ideal that nothing may be lacking, a commandment superegoic in which the subject feels anguished by having to take on an impossible. Thus, the possibility of obtaining a success comes in the form of anguish, as is the possibility of missing anything, and failure comes as a relief from this anguish. The output of anguish points to the emergence of castration, which breaks the jouissance of realizing something and establishes the desire and possibility of exit from the anguish. For this, the subject must accept the lack, the inconsistency of the Other and the desire; still needs relinquish an idea of completeness in search of a possible cause, not full, but with castration, in which the object *a* to operate as a cause of desire.

KEY-WORDS: anguish. Success. Failure. Desire. jouissance.

L'ANGOISSE FACE AU SUCCES

RÉSUMÉ:

Cet article traite de l'étrange réaction de l'angoisse face au succès, contrairement à ce qu'on pourrait s'attendre, à ce que l'angoisse pourrait être une réaction à l'échec. L'angoisse, pour la psychanalyse, dérive de la tentative de réaliser un idéal dans lequel rien peut manquer, un impérative surmoïque dans lequel le sujet se sent angoissé par tenter rendre compte d'un impossible. Ainsi, la possibilité d'obtenir un succès vient sous la forme d'angoisse, car elle est la possibilité de rien manquer, et l'échec vient comme un soulagement de cette angoisse. La sortie de l'angoisse pointe pour l'émergence de la castration, qui rompt la jouissance de rendre compte de quelque chose et établit le désir comme possibilité de sortir de l'angoisse. Pour cela, le sujet doit accepter le manque, l'inconsistance de l'Autre et le désir, doit encore renoncer à une idée de complétude pour chercher un faire possible, pas plein, mais avec la castration, dans lequel l'objet *a* puisse opérer comme cause du désir.

MOTS-CLÉS: angoisse. Succès. Echec. Désir. jouissance.

Recebido em : 08-05-2012

Aprovado em: 09-12-2012

© 2013 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista